

Ensaio sôbre a idade do bronze em Portugal

DO princípio da idade do bronze ⁽¹⁾ há no nosso território algumas estações, em que se notam uma certa continuidade cultural com as fases anteriores e, pelo menos nas do sul do país, algumas analogias com a civilização da idade do bronze inicial do sudeste espanhol—civilização designada por *argárica*,* termo derivado do nome da estação mais típica, a necrópole de El Argar. Esta civilização ter-se-ia estendido também ao N. E. de Espanha (Catalunha) e às Baleares (grutas de Mallorca) ⁽²⁾.

O emprêgo do silex entra em decadência, ao passo que abundam os objectos de cobre e surgem os de bronze, pobre ainda em estanho, aparecendo também objectos de adorno, de prata

(1) Este ensaio é um excerto dum trabalho em preparação sôbre os povos primitivos da Lusitânia. Nesse trabalho dou um especial desenvolvimento ao capítulo sôbre o eneolítico, que, de acôrdo com a maior parte dos autores modernos, destaco da idade do bronze. Apenas em algumas passagens do presente artigo se alude, pois, ao eneolítico.

(2) Bosch—*Prehistòria catalana*, Barcelona, 1919, pág. 154.

e de ouro. A cerâmica perde os ornatos do eneolítico: é, escreve Bosch (1), «qualquer coisa de inconfundível, com a sua superfície de côr pardacenta, polida e sem ornatos e com as suas formas clássicas—o vaso esférico, o vaso de paredes cônicas e fundo convexo, a taça com pé alto e a grande talha de forma mais ou menos esférica».

Em El Argar, onde as explorações dos irmãos Siret incidiram sobre muitos centenares de sepulturas de inumação, o mobiliário funerário metálico compreende, como nas estações próximas, de El Oficio, Fuente Álamo, Ifre, Zapata, etc., machados de cobre achatados do tipo primitivo, punhais triangulares de bronze ou prata, alabardas, braceletes singelos, anéis, etc. Em El Oficio apareceu um altar de cornos simbólicos, em que Dechelette viu mais uma prova de influências egeas, dada a sua semelhança com um tipo de Cnossos. As sepulturas são de vários tipos: as mais freqüentes são cistas, com os cadáveres dobrados, e sobretudo grandes urnas cerâmicas com um aspecto de ovos truncados (2).

Em Portugal, algumas cistas algarvias são do tipo argárico, outras cistas têm afinidades com as construções megalíticas do eneolítico que atingem o seu termo. Pertencem ao segundo

(1) Bosch—*Arqueologia preromana hispânica*, (apêndice à versão espanhola da *Hispania*, de Schulten), pág. 167.

(2) Dechelette—*Manuel d'Archéologie Préhist., Celt. et Gallo-Rom.*, Paris, 1910, t. II, pág. 80 e segs.

grupo as sepulturas de Odemira, algumas do Algarve, e as de Ancora e da Quinta da Água Branca, a que já fizemos referência (1).

As sepulturas trapezoidais de Odemira e Vila Nova de Milfontes continham alguns machados e enxós de pedra polida, machados de cobre, ossos, cerâmica, uma flecha de cobre, etc. Nas sepulturas da idade do bronze inicial do Algarve predomina a forma de caixas quadrangulares, mesmo quasi quadradas (*cistas*) e em algumas encontram-se urnas com ossos no género dos de El Argar, como, por exemplo, em Odiaxere, Alcaria, Vale da Lama, etc., no S. O. do Algarve. Mas as *cistas* argáricas são sobretudo frequentes a S. E., nos concelhos de Castro Marim e de Vila Real de Santo António. Entretanto há também construções sepulcrais, que, como as de Odemira, já referidas, se podem considerar uma última *étape* evolutiva das construções megalíticas, em especial das galerias cobertas (2). É preciso, porém, notar que poucas destas sepulturas foram exploradas devidamente, baseando-se o seu conhecimento em informes de leigos.

A sistematização dos documentos de fases mais adiantadas da idade do bronze na Península não está ainda feita. São numerosos os achados isolados, sobretudo no nosso país, mas

(1) Bosch—Op. e pág. cit.

(2) Cartailhac—*Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, Paris, 1886, pág. 209 e segs.; Estácio da Veiga—*Antiquidades monumentais do Algarve*, t. IV, pág. 36, 74, etc.

parece ainda cedo para sistematizar com pormenor.

Em Portugal as condições de jazida do maior número d'esses achados são mal conhecidas e faltam explorações metódicas. No resto da Península observa-se o mesmo facto ou até uma completa carência de documentos. Apenas nas Baleares temos os *talaiots* e *navetas*, do fim da idade do bronze.

No entanto, sôbre aqueles achados avulsos parece encontrar-se uma certa uniformidade cultural com as outras regiões do ocidente da Europa.

À província ocidental da idade do bronze aplica Dechelette a seguinte classificação cronológica (1), naturalmente diversa das classificações baseadas nas descobertas do oriente mediterrâneo (Micenas, Creta, etc.):

Idade do bronze I—(compreendendo o eneolítico na fase inicial de machados chatos e punhais de cobre) de 2500 a 1900 a. c., aproximadamente.

Ainda numerosos instrumentos de pedra, sobretudo pontas de flechas. Armas e utensílios em cobre ou em bronze pobre em estanho. Machados chatos sem rebordos. Pequenos punhais triangulares, com uma lingueta ou espigão basilar ou com orifícios para pregos de ponta revi-

(1) Dechelette—*Manuel*, etc., op. cit., II, pág. 105 e segs.

rada. No final do período, punhais de cabo de bronze (tipo itálico). Machados-punhais. Alfinetes com anel terminal e outros. Sovelas para tatuagem, losânicas. Tubos ou bastonetes de pasta vítrea, numa série de pérolas juxtapostas. Ossos trabalhados com a mesma forma. Pérolas em ouro, bronze e calaite. Crescentes ou golas de ouro (no fim do período). Pequenas placas de diversas substâncias, chamadas «braçais de besteiros». Vasos caliciformes. Pequeno vaso de aza em cotovelo. As sepulturas são de inumação, excepto na Bretanha, onde domina a incineração. A ocidente, construções megalíticas e grutas naturais. A leste, cistas, túmulos, etc. (Vimos já como este primeiro período do bronze de Dechelette se pode decompor em várias fases do eneolítico e da idade do bronze inicial).

Idade do bronze II (de 1900 a 1600). Bronze já rico em estanho. Machados com rebordo plano pouco elevado. Machados-espátulas com gume semi-circular. Punhais triangulares de base arredondada e de orifícios para pregos, quâsi sempre ornados com filetes ou reforçados com uma larga nervura mediana. No final do período, a lâmina dos punhais alonga-se e surgem as espadas. Alfinetes de cabeça esférica perfurada obliquamente. Braceletes abertos, de extremidades ponteagudas (alguns já no período anterior). Vasos armoricanos com quatro asas (idem); são vasos de 0,^m10 a 0,^m30, com uma forma bicónica, e com as asas fixadas duma parte ao bordo do bocal e da outra à aresta do

bojo devida à união dos dois troncos do cone, dos quaes o superior é com frequência mais curto do que o inferior. Alguns vasos do mesmo tipo tem apenas duas asas. Os ritos funerários e tipos de sepulturas são análogos aos da fase anterior.

Idade do bronze III (de 1600 a 1300)—Machados de rebordos planos, mas muito espessos. Machados de talão. Alguns, chamados de tipo ibérico, tem o talão e dois aneis. Machados com aurículas medianas. Punhais delgados e alongados com dois orifícios para pregos. Espadas afiladas, não pistiliformes. Conteiras de bainha e facas com punho de bronze do tipo de Courta-vant. Alfinetes de cabeça costada. Alfinetes com cabeça rodada. Braceletes abertos com as extremidades obtusas. Braceletes em fita, de volutas terminais. Vasos com incisões profundas (alguns já no período anterior). Vasos ornados com caneluras e com mamilos. A maior parte das sepulturas são de inumação. Túmulos na região céltica, sepulturas razas na região lígure.

Idade do bronze IV—(de 1300 a 900)—Machados de aurículas quasi na extremidade. Machados de alvado. Espadas de espigão chato perfurado para cravação de pregos ou com uma fenda longitudinal. Espadas de botão de punho oval, do tipo chamado de Ronzano. Espadas com punho de antenas (alguns punhos incrustados de ferro). Todas as espadas são pistiliformes. Conteiras da bainha com diversos tipos. Punhais com o espigão chato com orifícios para

pregos. Punhais de alvado e com orifícios. Pontas de flecha de alvado e de pedúnculo monobarbelado. Facas de alvado. Facas com o punho fundido tendo um estrangulamento em arco de círculo. Capacete itálico do tipo chamado de Falaise. Braceletés ocos com aurículas. Braceletes torcidos duplos. Braceletes reniformes. Alfinetes com grande cabeça esférica, oca. Alfinetes de cabeça vasiforme. Algumas fíbulas em arco de violino, de arco simples, de arco crenelado, de arco serpentiforme. *Agrafes* de cinturão com garras. Navalhas semi-circulares, duplas de pedúnculo, etc. *Tranchets* com espigão. Esferoides. Freios de cavalos. Vasos de várias formas: dos mais típicos são os de bojo cónico com gargalo cilíndrico ou evasado com rebordo. *Biberons* sem pés ou de quatro pés. Rito funerário predominante: incineração.

O primeiro período está largamente representado no nosso território pelas estações eneolíticas e da idade do bronze inicial, já referidas. Alguns achados, na maioria avulsos, de bronze, correspondem ainda a uma fase avançada deste período ou mesmo porventura já aos seguintes.

São dêsse número muitos machados chatos (Gruta de Ferreiros, S.^{to} Adrião, Vimioso; Bujões e Abaça, Vila Real; Boa Vista, Celorico da Beira; Cesareda; Salvaterra; Évora; Extremoz; região fronteira a Badajoz; Panoias de Ourique; Mina da Juliana, Beja; Odemira; Foya, Monchi-

que; Bensafrim, Algarve; Estombar, idem; Paderne, idem; Silves; etc.) (1)

Do período II pròpriamente, escasseiam as aquisições. É possível que alguns machados correspondam ainda a esta fase, como naturais sobrevivências da época anterior. Lembram formas do período II, de gume semi-circular e com extremidades reviradas, os discutidos machados insculpidos em lages sepulcrais dos concelhos de Ourique (Panoias), Beja (Santa Vitória, Beringel, Mombeja) e S. Tiago de Cacem (Defesa). Representados com espadas, boldriés e outros objectos, êsses machados teriam dimensões ex-

(1) A estes achados e seguintes se referem: Estácio da Veiga nas *Antiquidades*, etc., op. cit., t. IV; Filipe Simões—*Introdução à Archeologia da Peninsula Ibérica*—Lisboa, 1878; Cartailhac—*Les âges*, etc., op. cit.; Leite de Vasconcelos, Possidónio da Silva, Alves Pereira, José Fortes, Henrique Botelho, Albino Lopo, Santos Rocha, etc., em vários trabalhos, publicados especialmente na *Portugália* e no *Arqueólogo Português*.

É duvidosa a inclusão na idade do bronze de braceletes de bronze e vasos de cerâmica encontrados em Alpiarça. (Mendes Correia—*Objectos protoistóricos e lusitano-romanos sobretudo de Alpiarça e Silvã*—«Arqueol. Port.», t. XI, Lisboa, 1917). Trata-se de restos muito heterogêneos e possivelmente de épocas diferentes. Um vaso caliciforme lembra outras formas da idade do bronze, bem como dois *hiberons*, mas outros vasos lembram, pela sua imperfeição e ornatos incisos, tipos eneolíticos. Alguns há também que poderiam incluir-se na idade do ferro. A verdade é que os objectos foram recolhidos sem indicações sôbre as condições de depósito. Encontram-se no Museu Antropológico da Faculdade de Ciências do Pôrto.

cepcionais, o que Dechelette atribuía a uma significação votiva e não, como A. de Mortillet, a tratar-se de objectos de outra qualquer natureza (1). O Dr. Leite de Vasconcelos, a quem se deve o estudo de tão curiosos documentos (2), compara tais insculpturas a dois machados chatos, encontrados em Barcelos e Estremoz. A cerâmica, rara, recolhida em algumas dessas sepulturas parece muito primitiva, lembrando alguns ornatos os do vaso campaniforme eneolítico. Mas as espadas representadas nas lousas não pertencem evidentemente ao período I de Dechelette; a da lousa da Defesa sobretudo recorda um tipo da idade do bronze II, de Cheylounet (Alto Loire) (3), mas o Dr. Leite de Vasconcelos aproxima antes a insculpida numa lousa sepulcral do Museu de Beja duma espada de Forel (Suíça), da transição da idade do bronze para a do ferro. Quer-me parecer entretanto que esta última cronologia está em opposição com os tipos de machados e cerâmica, mas não é forçoso que se trate de estações sincrónicas, a pesar das suas grandes analogias.

Dos machados do período III da cronologia

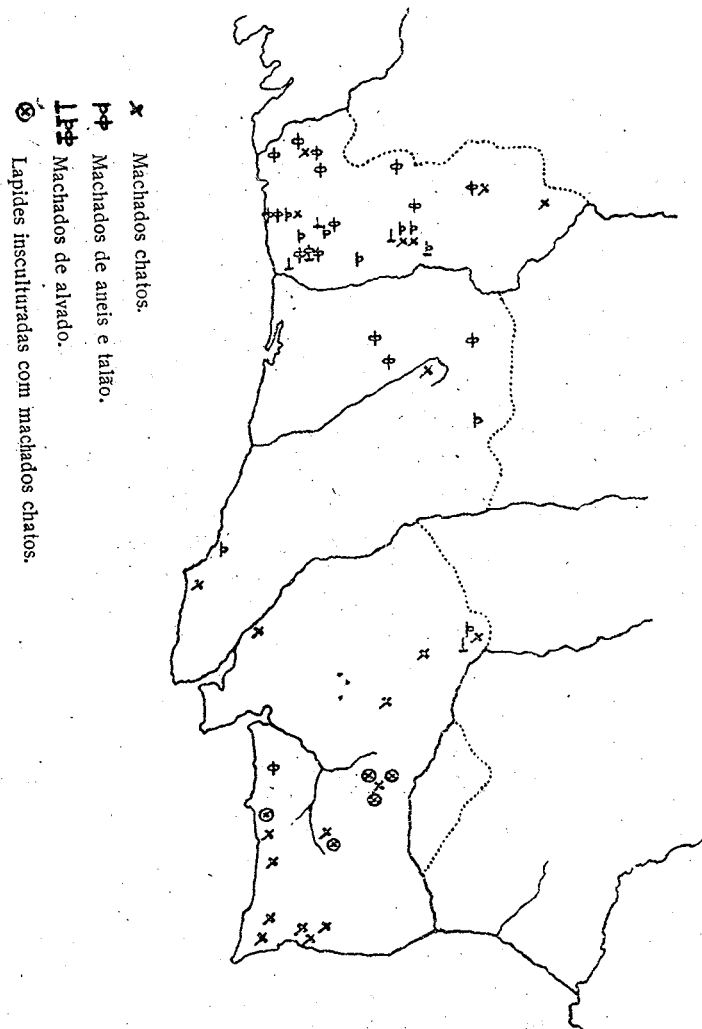
(1) Dechelette—*Op. cit.*, págs. 490 e 491.

(2) Leite de Vasconcelos—*Estudos sobre a época do bronze em Portugal*—«Arqueólogo Português» tt. XI e XIII, Lisboa, 1903 e 1908.

(3) Fig. 8, pl. II, de Dechelette. A analogia pretendida por Dechelette com uma espada da idade do bronze IV de Penhouët, não é admissível. Basta notar a diferença profunda na forma da lâmina.

Dechelette aparecem os de talão, com um anel lateral (Vidual e Justes ou Linhares, Vila Real; Barcelos; Famalicão; Corvite, Guimarães; Amaranthe; Sabugal; Fonte Santa, Alcobaca; região fronteira a Badajoz), ou com duplo anel (Castro de Medeiros, Montalegre; Tôrre de D. Chama; Vila Pouca d'Aguiar; Viatodos, Barcelos; Paredes de Coura; Caminha; Espozende; Roriz, Minho; Abelheira, Bougado; Távora, Arcos de Val de Vez; Monte do Sino, Guimarães; Ponte da Barca; Sâtão; Castendo; Ferreira d'Aves, Pinhel; Serra da Caveira, Grândola). Não aparecem os machados com aurículas medianas, de transição para os de aurículas terminais e para os de alvado do período IV. Os machados de talão e duplo anel são chamados do *tipo ibérico*, porque são raros fora de Espanha e Portugal. Também são chamados do *tipo do Minho*, mas é talvez preferível, dada a sua freqüência igualmente na Galiza, chamarem-se do *tipo galaico-português* (1). Do ocidente da Península êste tipo propagar-se-ia para leste, sobretudo às Astúrias, Extremadura espanhola e Andaluzia. Em Tôrre de D. Chama, Távora, etc., o tipo ibérico aparece ao lado de machados chatos, que se não extinguiram, pois, com o fim do período I. A carta junta mostra a sua freqüência ao norte do Mondego.

(1) H. Obermaier—*Impresiones de un viaje prehistorico por Galicia*—«Bol. Arqueol. de la Comisión Provincial de Monumentos Hist. y Artísticos de Orense», t. VII, Orense, 1923, pág. 27 do extr.



Distribuição dos machados de bronze em Portugal.

Aos tipos do período IV pertencem alguns machados avulsos de alvado. O alvado parece constituir o termo da evolução das aurículas, que se tornam terminais e se fecham, mas a falta de machados de aurículas no território faz crêr que essa evolução se não desenrolou aqui. Alguns têm um anel (Alijó), outros dois (Roriz, Minho; Abrigada, Estremadura). Na Galiza aparecem também alguns machados de alvado. Em Portugal registemos ainda exemplares de Sabroso (Minho), Arroios (Vila Real) e Santa Justa (Valongo).

Outros objectos de bronze não facultam uma sistematização tão clara. A espada de Elvas, descrita por Estácio da Veiga (1), é muito semelhante a uma de Hio (perto de Vigo) (2), que apareceu junto de machados de talão e de alvado, bem como junto de braceletes, pontas de lança, etc. Deve, pois, atribuir-se a uma fase adeantada da idade do bronze, talvez ao período IV. Mas a classificação de outras espadas, adagas, etc. é mais difícil (3), e de alguns objectos

(1) Estácio da Veiga—*Antiquidades*, etc., op. cit., IV, ext. XXIII, n.º 9.

(2) Obermaier—*Impresiones*, etc., op. cit. pág. 31, ext. B.

(3) Em Cartailhac (*Les âges*, etc., op. cit., pág. 222) vem representada uma espada de Pôrto de Moz, com espigão largo e orifícios para pregos. Santos Rocha (*Vestígios da época do bronze em Alvaiázere*—«Portugal», t. I, pág. 135) refere-se a uma espada de bronze de Alvaiázere, com o espigão partido, a qual seria, a seu vêr, antes uma simples adaga, produto da evolução do punhal. Devem ser espécimes do período II, ou, o mais

avulsos de bronze pode mesmo supôr-se uma cronologia mais avançada, a idade do ferro ou mesmo já a época luso-romana. Como muito bem diz o Dr. Leite de Vasconcelos, uma vez descoberto o bronze, nunca mais até hoje deixou de ser empregado.

Alguns esconderijos de fundidores mercantes têm sido encontrados em Portugal, como os de Viatodos (Barcelos), de Carpinteira (Melgaço) e de Ganfei (Valença ⁽¹⁾), provindo vários machados de bronze já citados, de esconderijos dessa ordem. Em Ferreira de Aves (Pinhel) registaram-se 19. Não deve deixar de se mencionar, como prova da actividade metalúrgica no território, a descoberta dum molde de fouces de bronze em Casal de Rocannes (Cacem) ⁽²⁾. No Museu Etnológico Português existem quatro fouces de bronze, uma das quais de Mértola ⁽³⁾.

tardar, do III, sendo para notar as analogias dos seus espigões com os das espadas dêste último periodo representadas por Dechelette. Mas trata-se duma cronologia pouco segura, dada a escassez dos achados e o seu character avulso.

(1) José Fortes—*Esconderijo morgeano de Carpinteira (Melgaço)*, «Portugália», t. II, pág. 475; id.—*Esconderijo morgeano de Ganfei (Valença)*, «Portug.», t. II, pág. 661; id.—*O tesouro de Viatodos*, «Portug.», t. II, pág. 110.

(2) Joaquim Fontes—*Sur un moule pour faucilles de bronze provenant du Casal de Rocannes*—«Bull. de la Soc. Portug. des Sc. Naturelles», t. VII, Lisbonne, 1916.

(3) *Ibid.*, pág. 6 do extr.; e também Leite de Vasconcelos—*História do Museu Etnológico Português*, Lisboa, 1916, pág. 359, fig. 31.

Vários machados, já referidos, demonstram pelas rugosidades da sua superfície e pela impureza do metal e por alguns rebordos ou pontas salientes, a sua moldagem em pedra, a má qualidade da matéria prima, a imperfeição da técnica e dum modo geral as condições do seu fabrico.

Muitos outros objectos de bronze, como a *oenochôe* descoberta em Rio Maior ⁽¹⁾, o touro da Biblioteca Nacional de Lisboa ⁽²⁾, o javali do Museu de Évora ⁽³⁾, as cabrinhas do Alentejo ⁽⁴⁾, o carneirinho de Roios (Vila Flôr) ⁽⁵⁾, o *ex-voto* do Castelo de Moreira, Celorico de Basto ⁽⁶⁾, outro de Costa Figueira, Paredes ⁽⁷⁾, etc., pertencem crívelmente a épocas posteriores à idade do bronze. Alguns serão mesmo da época romana. Talvez sejam também posteriores à idade do

(1) Joaquim Fontes—*Une oenochôe en bronze rencontrée à Rio Maior*—«Arq. da Univ. de Lisboa», vol. III, Lisbonne, 1916.

(2) Pierre Paris—*Essai sur l'art et l'industrie de l'Espagne primitive (et du Portugal)*—II, Paris, 1903, pág. 223. Leite de Vasconcelos—*Religiões da Lusitânia*, t. II, pág. 285. Gabriel Pereira, in «Arqueólogo Português», t. I, 1895, pág. 296.

(3) Estácio da Veiga—*Antiguidades*, etc., op. e t. cit., pág. 174.

(4) Leite de Vasconcelos—Op. e t. cit., pág. 283; id. também «Arqueólogo Português», t. I, 1895, pág. 296.

(5) Albino Lopo—*Uma excursão archeologica a Roios*—«Arqueólogo Português», t. XVI, 1911, pág. 48.

(6) «Portugalia», t. I, p. 325; Leite de Vasconcelos, op. e t. cit., p. 289.

(7) Eduardo de Freitas—*Estudo sobre dois bronzes arqueológicos*, Pôrto, 1923.

bronze as esculturas de animais, em bronze, encontradas em Monte de Pedralva, (Vila do Bispo), apesar do seu aspecto muito tóscico (1). Um cavalinho de bronze da mina de S. Domingos é, ao que parece, da época romana (2), bem como uma vaquinha de bronze do Castro de Sacoias (Trás-os-Montes).

Traçando numa carta de Portugal duas linhas rectas, ambas de direcção NO.-SE., uma da foz do Leça até à serra das Mesas, ao sul de Sabugal, e outra do N. de Leiria ao N. de Elvas, nelas vemos os limites duma área na qual se não tem encontrado vestígios da idade do bronze. Essa área abrange o S. do distrito do Porto, o S. e O. dos distritos de Vizeu e Guarda, os distritos de Aveiro, Coimbra e Castelo Branco, e o N. dos distritos de Leiria, Santarém e Portalegre. As populações da idade do bronze do território português espalharam-se, pois, de preferência no Entre Douro e Minho, Trás-os-Montes, N. E. da Beira interior, grande parte da Extremadura, Alentejo e Algarve. Além disso, à parte a espada e outros achados de Elvas, o machado do tipo ibérico de Grândola e poucos mais objectos, na região sul encontram-se quasi exclusivamente restos dos primeiros períodos do bronze, ao passo que no norte do país abundam os machados dos períodos III e IV. O sul, que no fim do eneolítico assumira um desenvolvimento cultural

(1) Estácio da Veiga—Op. e t. cit., pág. 174.

(2) Leite de Vasconcelos—Op. cit., t. III, pág. 519.

maior do que o do norte, e que na idade do bronze inicial recebera a influência da cultura argárica, que não atingiu o norte, parece ter continuado bastante isolado d'êste na idade do bronze avançada. No entanto, não é possível afirmar um seu relativo atrazo cultural no fim dessa idade, dada a sua vizinhança de Tartessos que então começa a ser visitado pelos Fenícios.

No fim da idade do bronze manifesta-se nas Baleares a cultura dos *talaiots* e *navetas*, povoados, monumentos e recintos fortificados, que teem afinidades com os *nuraghes* da Sardenha, e que foram nos últimos oito anos objecto de estudo da secção arqueológica do Instituto de Estudos Catalães, sob a direcção de Bosch (1). Estas explorações metódicas permitiram desfazer as antigas teorias sôbre a inclusão dessas estações na civilização megalítica, muito anterior, e além disso, revelaram reduzidas influências egêas, já apontadas por Vives e que, segundo Bosch, marcariam o extremo limite ocidental a que durante o eneolítico e a idade do bronze, teriam porventura alastrado as formas culturais do oriente mediterrâneo.

Durante muito tempo prevaleceram os pontos de vista favoráveis á tese orientalista. Siret, especialmente baseado nas suas explorações do sudeste espanhol, atribuía á influência oriental

(1) *Investigacions Arqueològiques de l'Institut d'Estudis Catalans—Memòria dels Treballs de 1915-1919—Barcelona, 1921.*

as formas culturais não só do bronze mas até do eneolítico, da Península. Os Fenícios e Egeus seriam os portadores dessas influências (1). O nosso ilustre Martins Sarmiento, Melida e outros portugueses e espanhóis falaram de influências micênicas a propósito das mais variadas manifestações da cultura peninsular e das mais distantes fases dessa cultura. Dechelette não só aproximou as criptas alcalarenses dos túmulos reais da Acrópole de Micenas, mas também proclamou a filiação egea de muitos aspectos da cultura argárica (2). Schuchardt (3) e Schulten (4) afirmam relações entre a Península e o Egeu, desde remotas datas da idade dos metais, e quer os Egeus viessem aqui buscar os metais, quer os Tartessios lhos levassem, tráficos importantes entre uns e outros deveriam ter existido, na opinião daqueles autores. Desde o terceiro milênario antes de Cristo—data em que o bronze se encontra no Egito—teriam, segundo Schulten, as gentes orientais de vir à Península Ibérica e à Inglaterra buscar o estanho para a preparação do bronze, e bem assim o cobre e a

(1) L. Siret—*Orientaux et occidentaux en Espagne aux temps préhistoriques*—«Revue des Questions Scientifiques», Bruxelles, 1907.

(2) Dechelette—*Op. cit.*, II.

(3) Citado em Bosch (*Ensayo de una reconstrucción de la etnología prehistórica de la Península Ibérica*—«Bol. de la Bibl. Menéndez Pelayo» Santander, 1922, pág. 49).

(4) Schulten—*Hispania*, op. cit. p. 111 e 112.

prata, sendo Tartessos o objectivo principal das suas navegações. Para o autor alemão, dependeriam da arte micénica a cerâmica ibérica do S. e de E., as estelas com ornatos de Ampurias e da Citania de Briteiros, o adorno de ouro de Jávea, o culto do touro, o duplo machado cretense, o altar com cornos, etc., e porventura ainda a escrita ibérica.

O nosso infatigável Estácio da Veiga foi um dos que mais ardentemente tem afirmado a autonomia cultural da Península Ibérica nas primeiras idades dos metais. Havia muito cobre e estanho no território, não era preciso importá-los; há vestígios de explorações mineiras da época, há vestígios de actividade metalúrgica indígena (1). Recentemente Bosch, apoiando-se sobretudo em Schmidt, salienta o anacronismo que se encerra nalgumas das asserções orientalistas. Os túmulos de cúpula de Alcalar e de Los Millares são mais antigos do que os micénicos: como poderiam ser produtos da influência destes? Pelo contrário, a cerâmica ibérica é muito posterior à micénica. A cultura argárica é independente do oriente. «Os touros de Costig, as pombas de bronze, as peças de chumbo (pretensos altares com cornos de consagração ou cabeça de touro), verificou-se por excavações metódicas pertencerem à época romana»... Em Espanha nada se encontrou, afirma, de origem egea. A origem espanhola de objectos egeus

(1) Estacio da Veiga — *Op. cit.*, sobretudo no vol. III.

também está por demonstrar; se a prata egea é de origem espanhola, isso não provaria, porém, relações directas. Chegaria lá através de muitos intermediários, assim como o âmbar do Báltico e do mar do Norte chegou à Península no eneolítico e a Micenas na idade do bronze (1).

Num trabalho sobre a preistória galega (2), Obermaier acaba de acentuar também o facto de ser abundante o estanho na Galiza, como nas Astúrias e noutros pontos da Espanha.

É evidente que, como diz o mesmo autor, se tem exagerado as relações e influências culturais do oriente mediterrâneo na Península Ibérica para as primeiras idades dos metais e mesmo mais tarde. Vimos já que é duvidosa a referência à Península no texto duma inscrição assíria, mencionada por Schulten e datada de cerca de 2200 a. C. São flagrantes os anacronismos apontados por Bosch em relação à pretendida influência micénica no eneolítico ou na cerâmica ibérica. Está provada a existência duma metalurgia indígena e de extracções mineiras no território.

(1) Bosch—*Arq. prer. hisp.*, op. cit., p. 176 e 177; e *Ensayo*, etc., op. cit., p. 49-52.

(2) H. Obermaier—*Impresiones de un viaje pre-historico por Galicia*, p. 34 e seg. do extr. Para o mesmo autor as ilhas Cassitérides (ilhas do estanho), «hay que buscarlas... en Galicia» (pág. 45 do ext.) e não na Lusitânia, nas ilhas do Cabo de Santa Maria, na Bética ou noutro qualquer ponto meridional. Quando mais tarde se encontraram outras «ilhas do estanho, mais a norte, na Bretanha francesa e no S. da Inglaterra, os antigos chamaram-lhes também Cassitérides».

A tipologia dos objectos de bronze oferece mais semelhanças com a do resto da província ocidental dessa idade do que com a do oriente egeu. Torna-se flagrante a sugestão poderosa que sobre muitos espíritos exerceram as brilhantes explorações de Micenas, de Creta, de Chipre, do Egito, da Ásia Anterior. Mas o que resta provar é que a independência cultural do ocidente peninsular foi absoluta e que nem mesmo os processos metalúrgicos foram ensinados pelos orientais, que aliás parecem tê-los conhecido mais cedo do que os ocidentais. Pelo menos, devem admitir-se relações mútuas através de maior ou menor quantidade de intermediários. As longas navegações directas do Egeu para Tartessos devem datar de remota era, mas não tão remota como o neolítico, o eneolítico ou o começo do bronze.

Apesar da presença do âmbar, não é mais verosímil a existência de relações com o norte do que com o oriente mediterrâneo. Entretanto estas últimas foram indevidamente exageradas quer na sua antiguidade quer na sua importância. Verificou-se que na Península existiam, pelo contrário, desde longes eras, núcleos de cultura com individualidade marcada e autonomia indiscutível. Remontarão a uma data distante os tráficos—primeiro indirectos, depois directos—dos metais extraídos das minas peninsulares, terá havido iniciações na técnica metalúrgica e relações comerciais, mas a verdade é que êsses contactos não se traduziram em toda a idade do bronze, como nas fases imediatamente anterior-

res, pela mais ligeira diminuição daquela individualidade e autonomia. Pelo menos, assim o atesta, no seu estado actual, o pecúlio arqueológico peninsular.

Segundo Bosch, a etnologia da Península durante a idade do bronze *estabiliza-se*. Ao episódio da penetração africana de Almeria sucede durante aquela idade uma unificação progressiva de cultura e de populações com o resto do ocidente da Europa, em especial com a França (1). Os povos de Almeria seriam talvez, na sua opinião, os *Iberos*, que assim, desde o eneolítico, teriam começado a passar à Península. Atribuindo-lhes o tipo dolicocefalo mediterrâneo, o ilustre professor de Barcelona vê nos restos osteológicos das estações de Almeria representantes desse tipo, que se encontraria também no ocidente (Portugal) e a nordeste (Catalunha).

Temos de confessar que, aparecendo os Iberos na história apenas no século VI a. C., tais pontos de vista são em extremo conjecturais.

Os Lígures seriam, a seu turno, para Bosch (2) compreendidos já nos povos do capsense, e, segundo muitos autores, a idade do bronze é a «época ligúrica por excelência» devendo atribuir-se aos Lígures a cultura homogênea do ocidente. Afirmando-se como negociantes e viajantes, indo a longes paragens do norte no trá-

(1) Bosch—*Ensayo*, etc., op. cit., pág. 97 e segs., págs. 116 e 117.

(2) *Ibid.*, pag. 115.

fico do âmbar, os Ligures surgem também, na opinião de Dechelette, como agricultores, e a repartição de fources de bronze no território francês marca para aquele arqueólogo a extensão da área ligúrica (1). O depoimento das fources de bronze, como vimos, é quasi negativo entre nós para o efeito de se incluir o nosso território em tal área, e a cultura ocidental da idade do bronze não é tão homogénea como se tem afirmado. Os antigos Ligures tem sido considerados braquicéfalos (Broca, Hervé, Schulten), mas há quem os considere doliocéfalos, do tipo de Cro-Magnon ou do tipo mediterrâneo (2). Nada de positivo se pode dar como estabelecido a tal respeito.

A verdade é que, os Ligures aparecem pela primeira vez na história no séc. VII a. C. com Hesíodo. Já tinha então decorrido na Europa ocidental a idade do bronze, e esta na Península continua a pôr-nos, como já as anteriores, em presença de populações antropológicamente mixtas.

(Conclui no próximo número.)

MENDES CORRÊA.

(1) Dechelette—*Manuel*, etc., op. cit., t. II, pág. 13.

(2) O ligure actual, segundo Nicolucci, é braquicéfalo. Maurice Piroutet (*Quelques reflexions sur la question ligure*—«L'Anthrop.», t. XXVI, Paris, 1915, pág. 69 e segs.) inclina-se a que os antigos Ligures, não sendo homogéneos e sendo de difícil definição, tem como representante mais o tipo braquicéfalo alpino do que qualquer outro.